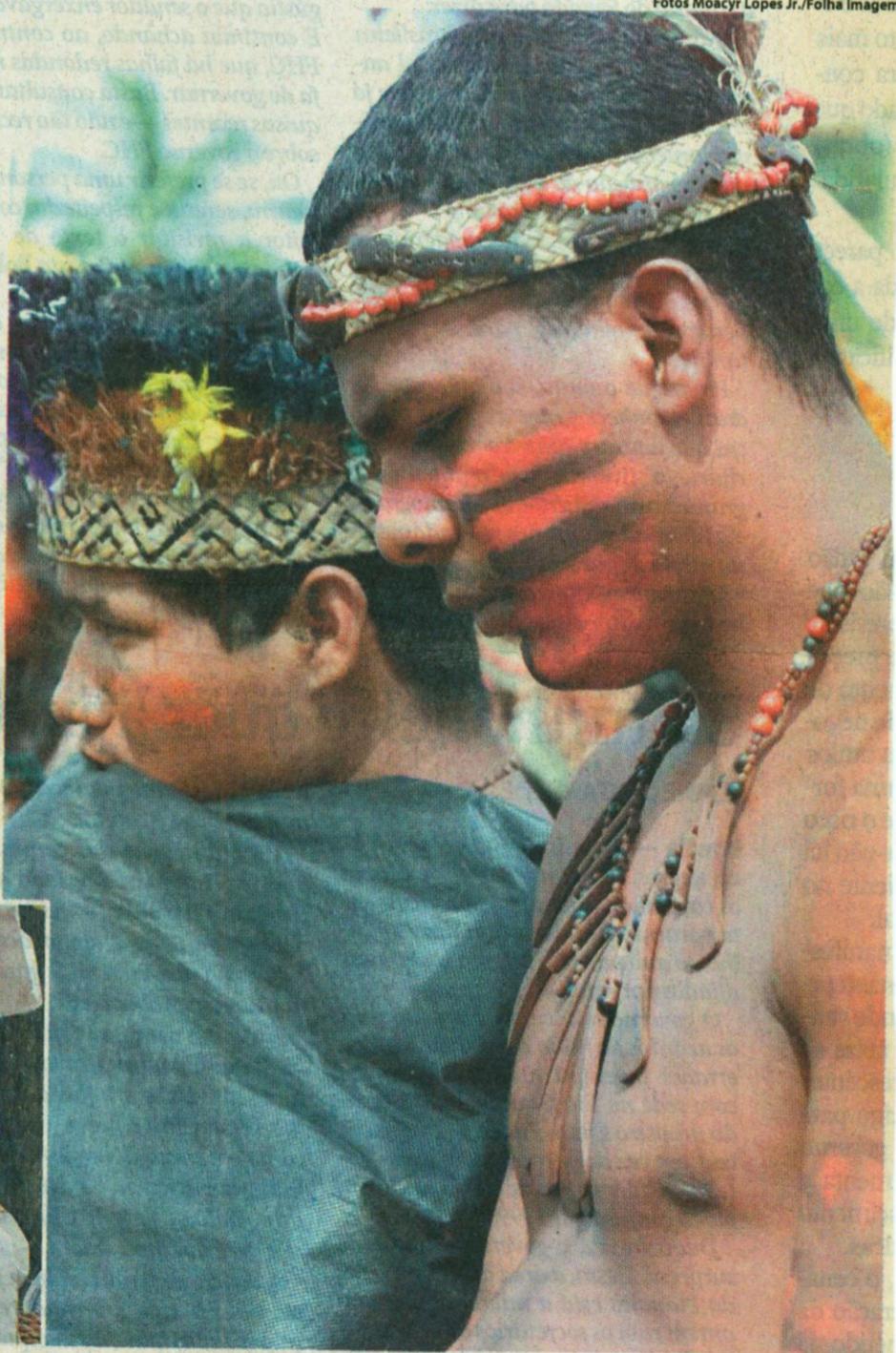


Índios invadem a missa dos 500 anos e criticam 'mentira do Descobrimento'

Um grupo de 40 índios, levando uma faixa preta em sinal de luto simbólico, invadiu a Missa dos 500 Anos de Evangelização, em Porto Seguro (BA). O ato contrariou orientação do Vaticano para despolarizar a cerimônia. No incidente, o pataxó Jerry Adriani de Jesus, 24, fez discurso criticando a "mentira do Descobrimento".

"Quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, que nos tomaram com a invasão", afirmou Jesus. Um dos motivos do protesto foi o choque entre índios e policiais na festa dos 500 anos, no sábado. "Foi um ato inesperado, mas a CNBB não viu como afronta", disse o bispo d. Geraldo Lyrio Rocha. **Págs. 1-4 a 1-6**



Fotos Moacyr Lopes Jr./Folha Imagem



O pataxó Jerry Adriani, que discursou na missa dos 500 anos, assistida pelo cardeal Angelo Sodano, do Vaticano (destaque)

MISSA Vaticano orientou CNBB para ter comemoração menos politizada

Índio invade celebração e protesta contra violência

ARMANDO ANTENORE
 PATRICIA ZORZAN
 enviados especiais a Porto Seguro
 LUIZ FRANCISCO
 da Agência Folha, em Porto Seguro

Contrariando orientação do Vaticano para a realização de uma cerimônia menos politizada, a Missa dos 500 Anos de Evangelização foi invadida de surpresa ontem por um grupo de cerca de 40 índios que protestou por atos de violência cometidos contra seus povos.



"Quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos tomaram com a invasão.

Hoje, querem afirmar a qualquer custo a mentira, a mentira do Descobrimento. Estamos de luto. Até quando?", declarou o pataxó Jerry Adriani Santos de Jesus, 24, na missa.

Acompanhado por índios vestidos a caráter e carregando uma faixa preta, Jesus, conhecido co-

mo Matalauê, chegou a ameaçar abandonar a missa caso a organização não permitisse sua entrada.

"Fomos barrados pelos seguranças do vice-presidente (Marco Maciel), que disseram que não poderíamos entrar por falta de credenciais. Ora, estávamos em casa! Não precisávamos disso. Eles é que tinham de pedir licença para a gente", disse Matalauê.

Um dos principais motivos do protesto foi o conflito entre índios e policiais no último sábado, dia do Descobrimento. Reprimida com bombas de efeito moral, a manifestação terminou em 141 presos e pelo menos 30 feridos.

"Isso é nossa terra. Onde vocês estão pisando vocês têm que ter respeito porque essa terra pertence a nós. Vocês, quando chegaram aqui, essa terra já era nossa. O que vocês fazem com a gente? Impediram a nossa marcha com um pelotão de choque, tiros e bombas de gás. Com o nosso sangue, comemoram mais uma vez o Descobrimento", declarou Matalauê durante a celebração.

O discurso causou constrangimento entre lideranças da CNBB. Segundo a Folha apurou, a entidade havia autorizado o protesto

dos indígenas desde que ele não fosse realizado durante a missa.

O conteúdo da celebração —presidida pelo cardeal e secretário de Estado Angelo Sodano, segundo homem na hierarquia do Vaticano— foi resultado de uma longa negociação com Roma. Defensora de pouca contundência nas questões sociais, a Igreja Católica vetou cantos e trechos críticos no evento. Diante das proibições, feitas pelo próprio cardeal, segundo apurou a Folha, o roteiro foi refeito pela CNBB.

"O discurso foi uma iniciativa dos pataxós. Eles nos propuseram anteontem à noite uma forma de expressão contra os atos de violência de sábado. Aceitamos, mas os orientamos para que que fizessem isso antes da missa. Eles não apareceram no momento combinado. Depois chegaram e subiram ao altar", declarou o bispo d. Geraldo Lyrio Rocha, responsável pela comissão da CNBB que organizou o evento de ontem.

"Foi um ato espontâneo e inesperado, mas a CNBB não viu isso como um ato de afronta", completou o bispo.

A assessoria do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) também

afirmou não ter conhecimento sobre a manifestação dos índios.

Muito aplaudido, inclusive por um sorridente ministro Rafael Greca (Turismo), Matalauê deixou o altar com os olhos cheios de lágrimas. Na primeira fila da platéia, o vice-presidente Marco Maciel não se manifestou.

De acordo com o índio, a idéia da faixa preta partiu da irmã Silde Coldebela, uma das coordenadoras de liturgia da CNBB. A irmã não foi localizada para comentar.

Depois da manifestação de Jesus, Coldebela chegou a afirmar que os índios condicionaram sua presença na missa ao direito de poder participar da maneira que achassem mais conveniente.

Além do protesto indígena, também foram feitos pedidos de proteção para desempregados, sem-teto e sem-terra.

Truculência

Em carta aos colegas da conferência da CNBB, os bispos Franco Masserdotti, presidente do Cimi, d. Tomás Balduino, presidente da Comissão Pastoral da Terra, e Heriberto Hermes acusaram a Polícia Militar baiana de ter agido de forma "truculenta".

AS FRASES DO ÍNDIO

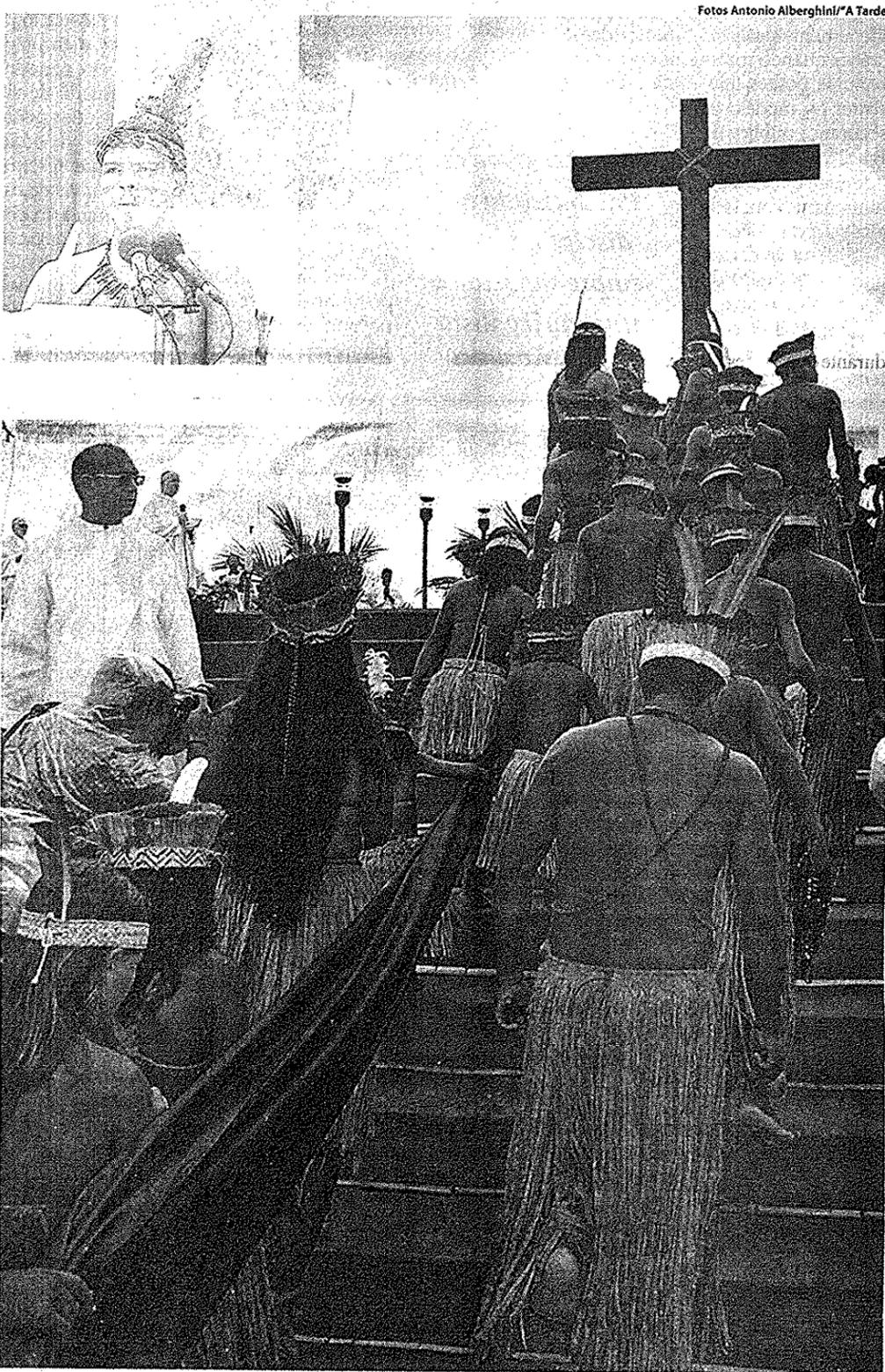
“Vocês estão dentro da nossa casa. Vocês, quando chegaram aqui, essa terra já era nossa. O que vocês fazem com a gente?”

“Séculos depois, estudos comprovam a teoria, contada pelos anciões, de geração em geração dos povos, as verdades sábias, que vocês não souberam respeitar e que hoje não querem respeitar.”

“Quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos tomaram com a invasão.”

“Hoje, querem afirmar a qualquer custo a mentira, a mentira do Descobrimento. Cravando em nossa terra uma cruz de metal, levando o nosso monumento, que seria a resistência dos povos indígenas. Símbolo da nossa resistência e do nosso povo. Impediram a nossa marcha com um pelotão de choque, tiros e bombas de gás. Com o nosso sangue, comemoram mais uma vez o Descobrimento.”

“Vocês não se envergonham dessa memória que está na nossa alma e no nosso coração, e vamos recontá-la por justiça, terra e liberdade.”



Índios sobem ao altar da missa dos 500 anos; no destaque, o pataxó Jerry Adriani Santos de Jesus

‘Onde vocês estão pisando vocês têm que ter respeito’

Leia abaixo a íntegra do discurso do índio pataxó Matalauê:

"Hoje, é esse dia que podia ser um dia de alegria para todos nós. Vocês estão dentro da nossa casa. Estão dentro daquilo que é o coração do nosso povo, que é a terra, onde todos vocês estão pisando. Isso é nossa terra.

Onde vocês estão pisando vocês têm que ter respeito porque essa terra pertence a nós.

Vocês, quando chegaram aqui, essa terra já era nossa. O que vocês fazem com a gente?

Nossos povos têm muitas histórias para contar. Nossos povos nativos e donos desta terra, que vivem em harmonia com a natureza: tupi, xavante, tapuia, caiapó, pataxó e tantos outros.

Séculos depois, estudos comprovam a teoria, contada pelos anciões, de geração em geração dos povos, as verdades sábias, que vocês não souberam respeitar e que hoje não querem respeitar.

São mais de 40 mil anos em que germinaram mais de 990 povos com culturas, com línguas diferentes, mas apenas em 500 anos esses 999 povos foram reduzidos a menos de 220. Mais de 6 milhões de índios foram reduzidos a apenas 350 mil.

Quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos

tomaram com a invasão.

Hoje, querem afirmar a qualquer custo a mentira, a mentira do Descobrimento.

Cravando em nossa terra uma cruz de metal, levando o nosso monumento, que seria a resistência dos povos indígenas. Símbolo da nossa resistência e do nosso povo.

Impediram a nossa marcha com um pelotão de choque, tiros e bombas de gás.

Com o nosso sangue, comemoram mais uma vez o Descobrimento.

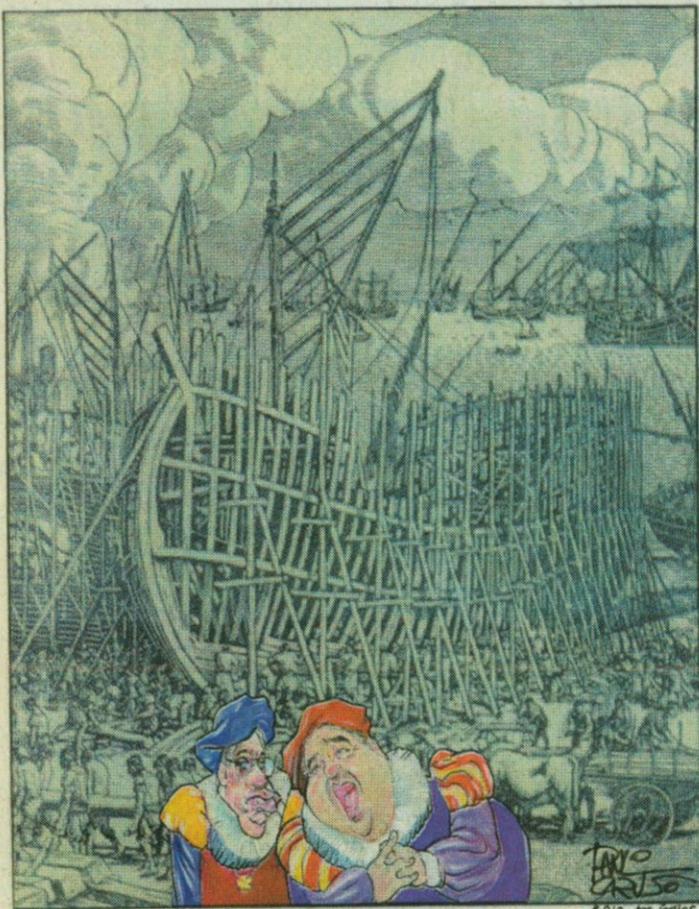
Com tudo isso, não vão conseguir impedir a nossa resistência. Cada vez somos mais numerosos. Já somos quase 6.000 organizações indígenas em todo o Brasil.

Resultado dessa organização: a Marcha e a Conferência Indígena 2000, que reuniu mais de 150 povos; teremos resultado a médio e a longo prazo.

A terra para nós é sagrada. Nela está a memória de nossos ancestrais dizendo que clama por justiça. Por isso exigimos a demarcação de nossos territórios indígenas, o respeito às nossas culturas e às nossas diferenças, condições para sustentação, educação, saúde e punição aos responsáveis pelas agressões aos povos indígenas.

Estamos de luto. Até quando? Vocês não se envergonham dessa memória que está na nossa alma e no nosso coração, e vamos recontá-la por justiça, terra e liberdade."

GRAFITE



Depois dessa empreitada,
o mundo inteiro vai falar da gente!

REAÇÃO Matalauê afirma que decidiu fazer críticas ao lembrar da ação da polícia

FHC não respeita índio, diz pataxó

dos enviados especiais
e da Agência Folha

Personagem central da missa comemorativa dos 500 anos do Brasil, o índio pataxó Jerry Adriani Santos de Jesus, 24, mais conhecido como Matalauê, disse que pensou no confronto com a PM no último sábado e no assassinato do índio Galdino de Jesus quando redigiu o discurso lido ontem na cerimônia, em Santa Cruz Cabrália.

Um dos líderes dos pataxós em Pau Brasil (BA), Galdino de Jesus foi queimado vivo por cinco estudantes de Brasília, há três anos.

"Elaboramos um texto para mostrar a nossa indignação com o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, que nunca respeitou os direitos das minorias, principalmente os dos índios", disse ontem Matalauê.

Comandados por Matalauê, apenas 10 dos 2.200 índios da reserva Coroa Vermelha participa-



ram da elaboração do documento. Antes de dar forma ao texto, cantaram e dançaram em baixo de uma jaqueira, durante a madrugada de ontem.

"Todos os índios que estavam no encontro expuseram seus problemas e a revolta pela humilhação que passamos no último sábado. Depois, elaborei o documento que foi aprovado por unanimidade", disse o índio, que é casado e tem um filho.

Professor da aldeia de Coroa Vermelha, Jerry Adriani acrescentou que, inicialmente, os índios não queriam participar da celebração religiosa.

"Foi revoltante o que aconteceu com a gente. Pensamos em boicotar a missa, mas, depois, chegamos à conclusão de que a nossa voz precisava ser ouvida", disse.

Cercado de sigilo, o discurso feito por Matalauê não foi apresentado nem para o cacique da reserva, Ailton Alves da Silva, o Carajá.

"Não mostramos o texto para o cacique, mas tenho certeza de que ele concordou com o discurso", disse Matalauê. Em sua opinião, o que mais revoltou os índios foi a decisão tomada pelo governo de impedir a manifestação durante a visita de Fernando Henrique a Porto Seguro, no último dia 22.

"Fomos agredidos em nossa casa por policiais despreparados, que seguiram ordens de um governo que vê no índio apenas um personagem folclórico."

Matalauê estava na linha de frente quando a Polícia Militar da Bahia interrompeu a passeata dos índios com bombas de efeito moral. "Os meus pés ficaram feridos por estilhaços." Trinta pessoas ficaram feridas na repressão. O então presidente da Funai, Carlos Frederico Marés, deixou o cargo em protesto contra a ação do governo, que classificou como "um ato de violência comparável à repressão militar da década de 60".

Avô veta índia em cerimônia

dos enviados especiais
e da Agência Folha

A índia Maniara Conceição Braz, 12, foi impedida pelo avô Benedito Nascimento de Jesus, 73, de fazer a primeira leitura bíblica da cerimônia.

"Os organizadores da missa não me pediram permissão para ela participar da cerimônia. Além do mais, eu estava muito revoltado com a atitude arbitrária da PM que impediu a nossa manifestação no sábado", disse o índio.

Matriculada na 7ª série, Maniara Conceição Braz disse que ficou triste com a decisão tomada pelo avô e não quis assistir a cerimônia: "Eu me preparei para isso durante dois meses", disse.

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL

Documentação

Fonte: FSP

Data: 27/4/2000 Pg. 1-5

Class.: 243



Índios pataxós carregam faixa preta em sinal de luto simbólico durante celebração realizada em Coroa Vermelha, na Bahia, no aniversário dos 500 anos da Primeira Missa no Brasil

REAÇÃO "O massacre só não aconteceu porque não houve reação por parte dos manifestantes", diz documento

Igreja acusa PM de grampear telefones

dos enviados especiais

Os bispos d. Franco Masserdotti, presidente do Conselho Indigenista Missionário, d. Tomás Balduino, presidente da Comissão Pastoral da Terra e d. Heriberto Hermes acusaram a Polícia Militar baiana de ter grampeado os telefones do comitê organizador da conferência indígena realizada em Coroa Vermelha na semana passada.

Segundo documento assinado pelos bispos e enviado a todos os participantes da Assembléia Ge-

ral da CNBB, a PM também controlou as ações do movimento indígena, fornecendo rádios transmissores a alguns índios para o repasse de informações.

A assessoria da PM-BA foi procurada, sem sucesso, para comentar o caso na noite de ontem.

Os bispos relatam o conflito entre índios e PMs durante manifestação no sábado, aniversário do Descobrimento. Houve 30 feridos e 141 detidos: "A tropa de choque estava esperando e, sem que houvesse qualquer advertência, iniciou o ataque. Os disparos atingiram várias lideranças e crianças".

Os bispos avaliam que a ação da

PM foi motivada pela recusa das lideranças do encontro indígena de se reunirem com Fernando Henrique Cardoso. D. Franco Masserdotti diz ter sido detido durante o conflito, juntamente com outros 30 agentes do Cimi.

O confronto entre índios e PMs foi o principal tema do documento: "O massacre só não aconteceu porque não houve reação por parte dos manifestantes". O texto diz que o local da celebração de ontem foi o mesmo do conflito: "Eis porque vários índios expressaram sua perplexidade a respeito do lugar e das circunstâncias em que se celebra essa missa".

D. Angelo Sodano

Integrantes do clero progressista classificaram como "desastrosas" as declarações do cardeal italiano Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano, na Bahia: "Quem mais ajudou a civilizar as populações indígenas se não o trabalho missionário? Quem melhor amalgamou as populações dispersas em pequenos núcleos na costa ou no interior que o vigário ou o cura?" Na opinião dos críticos, tais perguntas expressam "a visão dominadora e antiquada do colonizador", que encara a terra alheia como um universo caótico a ser organizado. (AA,LF,PZ)

Autoridades deixam de ir à missa

dos enviados especiais e da Agência Folha

Com menos de 10 mil pessoas, segundo os organizadores —que esperavam 50 mil fiéis—, a Missa pelos 500 Anos de Evangelização do Brasil foi marcada pela ausência de autoridades e pela chuva.

Somente foram ao local o vice-presidente Marco Maciel, o vice-governador baiano, Otto Alencar e o ministro Rafael Greca (Turismo).

A Folha apurou que o governador César Borges (PFL) evitou a missa devido ao desgaste do confronto entre policiais e índios, no sábado, praticamente no local da cerimônia.

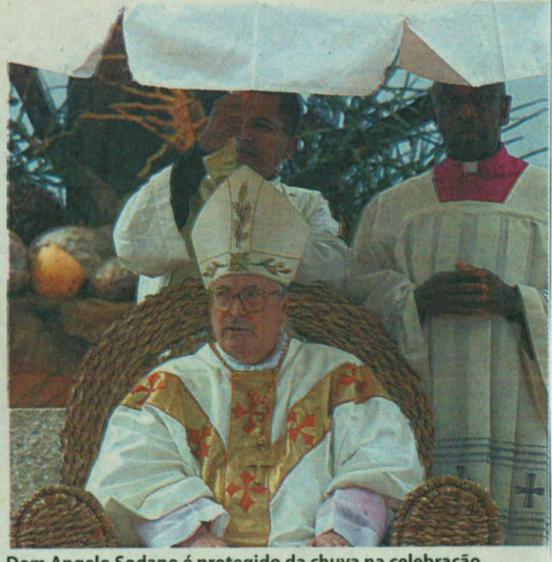
Com dezenas de cadeiras vazias, a segurança deixou entrar idosos, grávidas e crianças na área restrita a convidados.



Religiosos usam capa para se proteger da chuva durante missa



Índio usa câmera para gravar missa na praia de Coroa Vermelha



Dom Angelo Sodano é protegido da chuva na celebração

Itamar e PT protestam em Minas

da Agência Folha em Belo Horizonte

No próximo sábado, em Ouro Preto, o governador de Minas Gerais, Itamar Franco, sem partido, ex-PMDB, e o PT, representado também pelos seus líderes nacionais, querem fazer da comemoração adiada do 21 de Abril um contraponto às comemorações dos 500 anos do Brasil em Porto Seguro (BA), na semana passada.

A comemoração da Inconfidência Mineira terá neste ano o tema "Brasil soberano: Minas quer outros 500". Em oposição à festa organizada pelo governo federal e pelo governo da Bahia, são esperados representantes do MST (Movimento dos Trabalha-

dores Rurais Sem Terra), como João Pedro Stédile, e dos índios, impedidos pela Polícia Militar baiana de chegar a Porto Seguro.

Pela segunda vez, Luiz Inácio Lula da Silva, presidente de honra do PT, e José Dirceu, presidente nacional da legenda, estarão com Itamar em uma caminhada nas ruas de Ouro Preto para uma homenagem a Tiradentes, mártir da Inconfidência Mineira.

Os acontecimentos da Bahia aqueceram o clima político da solenidade. A transferência de data (21 de abril coincidiu com a Sexta-Feira da Paixão) tinha desanimado os petistas e sindicatos mineiros, especialmente por estarem preparando a manifestação do 1º de Maio em Belo Horizonte.

Outros partidos de esquerda e o PL também participarão da manifestação.

Oposição

Esse será o segundo ato de oposição ao governo federal em Ouro Preto. Em 1999, primeiro ano de Itamar como governador de Minas —em confronto aberto com FHC devido à moratória da dívida mineira com a União—, a oposição reuniu na praça Tiradentes cerca de 20 mil pessoas.

Até então, o dia em que se comemora a morte de Tiradentes era uma festa sintonizada politicamente com o Palácio do Planalto, cujos aliados recebiam a medalha da Inconfidência. A distribuição das medalhas continua

existindo, mas os homenageados são críticos do governo federal ou personalidades sem qualquer vínculo político-partidário.

A oposição, representada pelos partidos de esquerda e servidores públicos que sempre compareciam para protestar e vaiar, cabia um espaço em um canto da praça, cercado por cordas e vigiados por policiais militares.

A homenagem a Tiradentes é prevista em decreto governamental. Nesse dia, a capital do Estado se transfere para Ouro Preto, palco da luta, no século 18, de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, e outros inconfidentes pelo desejo de liberdade e contra as cobranças de impostos feitas por Portugal.

MST invade terra de sócio do presidente

da Agência Folha

Organizadas pelo dirigente José Rainha Júnior, cerca de 200 famílias sem-terra invadiram ontem de madrugada a fazenda Santa Maria, de 2.350 alqueires, no Pontal do Paranapanema.

Um dos herdeiros da fazenda, Jovelino Mineiro, foi aluno do presidente FHC na Sorbonne nos anos 70 e é seu sócio na fazenda Córrego da Ponte, de 1.100 hectares, em Buritis (MG).

Genro do ex-governador paulista Roberto de Abreu Sodré, Mineiro herdou a Santa Maria depois da morte do sogro, ex-dono, no ano passado. Virou sócio de

FHC ao comprar a parte da Córrego da Ponte que pertencia ao ex-ministro Sérgio Motta, que morreu em abril de 1998.

Rainha disse que a invasão é uma resposta à insinuação do presidente, feita na semana passada, de que o MST é fascista.

Paraíba

O juiz da 2ª Vara Federal da Paraíba, Rudival Gama do Nascimento, determinou ontem que a Polícia Militar atue na desocupação da sede do Inkra em João Pessoa (PB), mas não fixou um prazo para a reintegração de posse. Quatro funcionários do Inkra estão sendo mantidos como reféns.